

DA DIFERENCIAÇÃO DAS CONJUNÇÕES ADVERSATIVAS EM TEXTOS ESCRITOS

Kátia Maria Capucci Fabri^{1, 2}

ABSTRACT: *This study investigates the differences in the usage of conjunctions that express contrast, such as **mas, porém, contudo, todavia, entretanto** and **no entanto**, in four different types of texts: narrative texts, descriptive texts, dissertation texts and injunctive texts, according to Travaglia's typological proposal (1991).*

The differences of usage of the contrast conjunctios, which are under investigation, will be verified in the following dimensions: syntactic, semantic, argumentative, informational and pragmatic.

The research developed from the analysis of 218 occurrences, taken from 94 written texts: 32 of these texts were dissertation texts, 24 were narrative texts, 19 were descriptive texts and 19 were injunctive texts.

The results point to similarities and differences in the usage of these conjunctions and in the meaning effects that the writer intends to provoke in the reader during the act of reading.

It becomes clear in this study that there are syntactic, semantic, argumentative, informational and pragmatic implications in the usage of these contrast conjunctions. It also shows that there is a close link between their usage and the type of text.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo pretende investigar as diferenças no emprego das conjunções adversativas **mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto**, em quatro diferentes tipos de textos: narrativo, dissertativo, descritivo e injuntivo de acordo com a tipologia proposta por Travaglia (1991, p.49-57). Neste trabalho, centraremos nossa atenção somente nessas conjunções adversativas, não incluindo, por opção, outros conectores de contração como: ao contrário de, apesar de, embora, ainda que e outros. Entendemos por conjunção elementos que estruturam sintagmas, períodos e parágrafos que compõem o discurso e especificamente a adversativa que estabelece uma adversidade entre essas estruturas. Estamos entendendo discurso como “toda atividade comunicativa de um locutor, numa situação comunicativa determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzidos

¹ Mestre em Lingüística pela Universidade Federal de Uberlândia. Coordenadora do Curso de Letras das Faculdades Associadas de Uberaba – FAZU.

² Agradeço ao Professor Dr. Luiz Carlos Travaglia, orientador da minha dissertação de mestrado.

em tal situação – ou os seus e os de seu interlocutor, no caso do diálogo, como também o evento de sua comunicação” (Koch, I. G., Travaglia, L. C., 1997, pp.8-9) e texto será visto como “unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição) que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor, ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independente de sua extensão” (Koch, I. G., Travaglia, L. C., 1997, p.9). Segundo Koch (1984), “as conjunções são responsáveis pela orientação argumentativa global do discurso, no sentido de levarem o interlocutor a um determinado tipo de conclusão em detrimento de outras conclusões”. Em um outro estudo (Koch1992a), essa autora apresenta o emprego dos operadores discursivos, termo cunhado por Ducrot, criador da Semântica Argumentativa (ou Semântica da Enunciação), para designar certos elementos da gramática de uma língua que têm por função indicar a força argumentativa dos enunciados, a direção, o sentido, para que apontam.

As diferenças de uso das conjunções em estudo serão verificadas nas dimensões sintática, semântica, argumentativa, informacional e pragmática.

Para a realização dessa investigação, utilizamos a abordagem teórica da Lingüística Textual e da Semântica que ajudará a estabelecer as diferenças entre as conjunções adversativas, verificando a relação existente entre o tipo de texto e o emprego das conjunções adversativas e/ou de certos valores ou funções das mesmas, e ainda se há preferência de um tipo de texto por determinadas conjunções adversativas e quais são as instruções de sentido dadas no uso de cada conjunção, nos diferentes tipos de texto. Para desenvolvermos essa investigação utilizamos um corpus de 94 textos retirados de diferentes fontes como: jornais, periódicos, revistas, obras literárias, livros didáticos, manuais de instrução, livros de receita, etc. Esses textos foram distribuídos da seguinte forma: 32 textos dissertativos, 24 narrativos, 19 descritivos e 19 injuntivos. A utilização desse número diferenciado para cada tipo de texto aconteceu em função das ocorrências de adversativas encontradas, uma vez que procurávamos um número razoável de ocorrências para cada tipo de texto.

A escolha dos tipos de texto foi feita seguindo a proposta tipológica de Travaglia (1991), definida pelo modo de interação dado pela atitude comunicativa do enunciador, estabelecida pela perspectiva em que o enunciador se coloca em relação ao objeto do dizer e também de acordo com o objetivo da enunciação, como apresentamos a seguir:

- a) na descrição, o enunciador está na perspectiva do espaço em seu conhecer, o que transforma o interlocutor em “voyeur” do espetáculo.
- b) na narração, o enunciador se coloca na perspectiva do fazer/ acontecer, na perspectiva do tempo e o interlocutor como o assistente.

- c) na dissertação, o enunciador está na perspectiva do conhecer/saber, abstraindo-se do tempo e do espaço, e o interlocutor é posto como ser pensante, que raciocina.
- d) na injunção, o enunciador se coloca na perspectiva do fazer/acontecer posterior ao tempo da enunciação, o interlocutor como aquele que realiza aquilo que se quer, ou se determina que seja feito.

Quanto ao objetivo da enunciação, à atitude do enunciador em relação ao objeto do dizer, Travaglia (1991) coloca que “na descrição, o que se quer é caracterizar, dizer como é; na narração, o que se quer é contar, dizer os fatos, acontecimentos; na dissertação, busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor idéias para dar o conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações; na injunção, diz-se a ação requerida, desejada, o que e/ou como fazer, incita-se à realização de uma situação.”

Sabendo da dificuldade em encontrar textos formados exclusivamente de tipos puros, foi observado o aspecto da predominância nos textos escolhidos.

Após a seleção dos textos, foi feito um levantamento das conjunções adversativas **mas**, **porém**, **contudo**, **todavia**, **entretanto** e **no entanto**, para análise, observando quais aspectos determinam e/ou estão envolvidos dentro das dimensões sintática, semântica, argumentativa, informacional ou pragmática.

2. DESENVOLVIMENTO

Abordaremos, no desenvolvimento, as dimensões que vão apontar para as diferenças e identidades existentes no emprego das conjunções.

2.1 Dimensão sintática

Para observarmos as diferenças sintáticas, consideramos as relações e regras de combinação dos elementos lingüísticos na estrutura do enunciado e cruzamos essas relações com os efeitos de sentido que elas podem determinar, já que, segundo Arrais (1989, pp.26-28), na produção de uma frase, a estrutura sintática e o significado soam como verso e reverso de uma mesma moeda, pois este (o significado) não se realiza sem aquela (a estrutura sintática).

No corpus de nosso estudo, encontramos as conjunções adversativas em diferentes posições na frase e percebemos que essas posições são responsáveis por diferentes efeitos de sentidos que o autor pretende provocar no leitor, como veremos nos exemplos 1 e 2. As referências de todos os exemplos presentes neste trabalho aparecem no

Anexo I.

(1) “O navio tem 21 cabines, 36 metros de comprimento e 147 toneladas, radares, sonares, satélites e aparelhos de última geração, não tem piscina, mas a região é pródiga em lagoas de coral onde a embarcação às vezes se detém.”

(2) “Para estradas não pavimentadas, a velocidade máxima é de 60 km/h. O motorista consciente, porém, mais do que observar a sinalização e os limites de velocidade, deve regular sua própria velocidade...”

O estudo revela que o **mas** não possui a mesma mobilidade de posição na seqüência que estabelece a adversidade em relação às outras conjunções, ou seja, o **mas** é sempre empregado no início da oração adversativa, como em (1), enquanto que as outras conjunções assumem diferentes posições, e esse fato evidencia que a posição das palavras na frase aponta para diferentes efeitos de sentidos que podem determinar o percurso de leitura do leitor.

Constatamos que há uma interdependência entre as dimensões sintática, semântica e argumentativa, pois há uma combinação entre as relações que o autor estabelece ao estruturar o enunciado e a projeção de significado que essa estrutura pode desencadear. No exemplo (2), o autor, ao colocar o **porém** após o sujeito da seqüência que representa o contraste: “o motorista consciente” ele dá realce a esse tópico (sujeito) e essa organização pode definir os rumos que o produtor pretende do leitor. O autor poderia ter iniciado a oração adversativa com o **porém**, entretanto não o fez, porque quer chamar a atenção, focar a informação para o sujeito dessa oração, ou seja, “a velocidade máxima é de 60km, o motorista consciente (e isto é que importa), porém deve regular sua própria velocidade”. Verificamos também que, além do sentido determinado pela posição do sujeito antes da conjunção adversativa (o foco da atenção está no sujeito), há uma orientação argumentativa estabelecida, que aponta para o leitor o que é um motorista consciente e também para a sua responsabilidade no trânsito.

2.2 Dimensão semântica

As diferenças semânticas serão vistas a partir do valor que cada conjunção adversativa pode estabelecer no enunciado a que ela pertence. As conjunções investigadas neste estudo: **mas**, **porém**, **contudo**, **todavia**, **entretanto**, **no entanto** são aquelas que comportam o sentido que vai do contraste até a negação. Segundo Neves (1984, pp.21-24), em todo enunciado com a conjunção adversativa **mas** tem algo de oposição que passa pela simples condição de desigualdade, até uma oposição máxima que é a anulação. Fizemos em nosso estudo uma distribuição dos significados das conjunções em quatro variações como mostramos a seguir, com exemplos do corpus.

Variações de significado das conjunções adversativas

Instituímos quatro variações básicas de significado para as conjunções adversativas: 1) negação: na forma de p mas/ entretanto/ contudo/ todavia/ no entanto/ porém q, encontramos:

a) o reconhecimento de uma entidade em p e em seguida sua negação, refutação: (3) “É um país sórdido que escamoteia até as palavras. [Quem deveria pagar IR (p)], mas não o faz (q), não pratica sonegação, no vocabulário desse Brasil indecente.”

P reconhece que há pessoas que deveriam pagar imposto de renda (IR), entretanto q, oração introduzida pela adversativa **mas**, nega a ação que deveria ser praticada, afirmando que essas mesmas pessoas não pagam IR.

b) o reconhecimento de uma entidade em p e a negação de outra entidade em q contrapondo-se à já reconhecida: (4) “[Foram presos o mecânico Edivaldo Pereira da Silva, 23, e os adolescentes M.A.V., 17, e D.B., 17. No domingo passado, outros três homens foram presos sob suspeita de pertencer à gangue da batida (p)], mas eles não foram reconhecidos pelas mulheres vítimas...(q)”.

P declara que homens suspeitos de pertencer à gangue da batida foram presos, em seguida, a seqüência q, introduzida pelo **mas**, contrapõe-se a p através da negação nela contida: os presos suspeitos não foram reconhecidos pelas vítimas e portanto poderão ser libertados, havendo assim uma negação na oração adversativa.

Verificamos no corpus que as negações aparecem lexicalizadas através de palavras como: não, nenhum, nada, sem, etc, como no exemplo: (5) “[Muita gente se amontoou na porta (p)], mas ninguém teve coragem de se aproximar dos estranhos (q).”

P reconhece uma situação (gente amontoada) e em seguida q, introduzida por **mas**, nega uma outra situação, através da palavra ninguém, contrapondo-se à antecedente. (apesar de gente amontoada, ninguém aproximou-se dos estranhos).

Encontramos também nos textos verbos que se opõem como discorde/concorde ou evite/use e que negam a frase precedente. Vejamos em: (6) “[Evite abreviações em casos de títulos de graduação (p)], mas as use em se tratando de jargões (q).”

Em p, ordena-se para evitar, já em q, através do imperativo use, essa ordem é alterada, impondo uma outra situação.

2) Retificação: na estrutura p,mas/ porém/ contudo/ todavia/ entretanto/ no entanto q, o enunciado q pode:

1) corrigir, retificar p:(7) “Na boiada já fui boi mas [um dia me montei não por um motivo meu ou de quem comigo houvesse que qualquer querer tivesse(p)] porém por necessidade de o dono de uma boiada cujo vaqueiro morreu(q).”

Vogt (1989, p.104), em colaboração com Ducrot, considera que a “construção não p, mas q é empregada para retificar, ou seja, a oração introduzida pela conjunção adversativa **mas** admite sempre uma correção à oração antecedente, em forma de substituição. Nesse caso, esses autores apresentam uma relação entre o sentido da conjunção **mas** e o sentido do advérbio **magis**. Para eles, quando o **mas** funciona como retificador ele é MasSN e não introduz um argumento de oposição, mas simplesmente um elemento de correção. Já em outras estruturas, em que o **mas** ocorre sem a negação antecedente, ele funciona como MasPA, orientador de uma conclusão não esperada e portanto argumentativa.”

No exemplo (7), a adversativa **porém** estabelece uma correção, uma retificação em relação à estrutura precedente (p), isto é, o personagem que um dia montou o fez não por motivo próprio ou de outros, o fez pela necessidade da situação, causada pela morte de um vaqueiro. Temos então a construção não p porém q que retifica o “querer, a vontade” pela “necessidade”. Observamos então que não só o **mas** faz parte desse tipo de construção, como também as outras adversativas são empregadas nessa mesma estrutura e com o mesmo valor.

2) mudar a orientação do assunto de p, dando seqüência ao texto: (8) “[Se eu fosse pintor começaria a delinear este primeiro quadro de trepadeiras entrelaçadas, com pequenos jasmims e grandes campânulas roxas, por onde flutua uma borboleta cor de marfim, com um pouco de ouro nas pontas das asas (p)].

Mas logo depois, entre o primeiro plano e a casa fechada, há pombos de cintilante alvura, pássaros rápidos e certos...

Mas no quintal da casa abandonada ostenta uma delicada mangueira, ainda com moles folhas cor de bronze sobre a cerrada fronde sombria...

Mas por detrás estão as velhas casas, pequenas e tortas, pintadas de cores vivas, como desenhos infantis, com seus varais carregados de toalhas de mesa...

Mas, depois disso, aparecem várias fachadas, que se vão sobrepondo uma às outras, dispostas entre palmeiras e arbustos vários, pela encosta do morro(q).”

A seqüência descritiva do exemplo (8) mostra que a presença do **mas** no início dos parágrafos aponta para uma mudança de foco de assunto, organizando o texto e assegurando a sua progressão. A cada parágrafo introduzido pela conjunção **mas** admira-se um plano diferente do quadro que a autora gostaria de pintar.

3) Contraste: na estrutura p mas/ porém/ contudo/ todavia/ entretanto/ no entanto q, estamos considerando que q não elimina p apenas distingue-se, há entre p e q um eixo de comparação do mesmo elemento ou de elementos diversos que pode apresentar-se em termos de semelhança ou de dissemelhança, como em (9): “[Durante uma conversa ou uma reunião,

quanto mais você discordar, mais iminente será a briga.. Posicione-se (p)], **mas** refreie seus impulsos de levar a coisa para o lado pessoal (q).” O exemplo (9) constata um eixo de identidade entre p e q : a atitude. O contraste é estabelecido pela dissemelhança existente entre p atitude de discordar, posicionando-se e q atitude de refrear os impulsos.

Em (10), o eixo de identidade entre p e q diz respeito às medidas que vão afetar os serviços bancários. O contraste se institui entre a teoria (diminuição dos limites de empréstimos, restringindo e causando recessão) e a prática (é cedo para avaliar qual será o efeito): (10) “[A diminuição dos limites máximos de empréstimos contribui, em tese, para que os bancos restrinjam um pouco mais a oferta de crédito, o que pode aprofundar as tendências recessivas na economia (p)]. Na prática, porém, é cedo para avaliar se esse efeito terá magnitude significativa (q)...”

4) Quebra de expectativa: na estrutura p mas/ contudo/ todavia/ entretanto/ no entanto/ porém q, a seqüência q quebra a expectativa criada pela seqüência p. Há um conhecimento de mundo partilhado que é pressuposto e quebrado a partir da oração iniciada pela conjunção adversativa, como no exemplo (11): “[Há também quem se anime com as fontes sulfurosas a 70º C. Dizem que são terapêuticas (p)], mas queimam a pele e fedem a ovo podre, a enxofre (q).”

De acordo com o nosso conhecimento de mundo o que é terapêutico é benéfico e pode levar à cura, entretanto a seqüência q, iniciada pelo mas, quebra a expectativa criada e apresenta os problemas das águas sulfurosas como queimaduras e mau cheiro.

Observamos na pesquisa que a negação teve um baixo emprego nas estruturas construídas com as conjunções adversativas, principalmente, nos textos descritivos. Esse fato parece revelar uma relação entre o efeito de sentido que se quer instituir e o tipo de texto, pois em um texto descritivo, segundo Travaglia (1991, pp.49-57), o autor quer caracterizar e o seu interlocutor é um “voyeur” do espetáculo, assim, a seqüência adversativa que estabelece a negação pode não provocar um efeito de sentido expressivo na descrição.

Por outro lado a retificação, o contraste e a quebra são valores mais empregados. Assim como a adversativa **mas**. Uma outra observação que podemos fazer é que a adversativa **mas** teve um emprego significativamente maior em relação ao emprego das outras conjunções em todos os tipos de textos. Das 218 ocorrências 171 foram com o **mas**. Costa (2000, p.98) afirma que “o uso do **mas** destaca a decisão que se toma em sentido inverso.” Acreditamos então que ao usar a adversativa ora retificando, ora contrastando ou quebrando a expectativa, o locutor dá destaque às sensações que quer instituir com o seu interlocutor, redirecionado a visão do espetáculo, como veremos nos exemplos a seguir: (11) “Quem chega à noite, vê o perfil iluminado da cidade em torno da baía e a Golden Gate, a magnífica ponte que se tornou símbolo de São Francisco como portal, erguida na escuridão do mar. Logo se

estende São Francisco: [a ponte não está ali apenas para servir aos automóveis (p)], mas para ser bela (q).” (12) “[Santiago, capital chilena, tenta se modernizar (p)], mas ainda guarda muito sua imagem de cidade sombria de pouco colorido (q).”;(13) “[No local, há estacionamentos (p)], mas as pessoas também costumam deixar seus carros nas imediações (q).”

Os autores dos exemplos (11), ao retificar dizendo que a ponte está ali para enfeitar e não apenas para ser útil, (12), ao contrastar o moderno com o antigo, destacando a imagem sombria da capital chilena e (13), ao quebrar a expectativa de que se há estacionamentos as pessoas deveriam estacionar lá, pois pode ser mais seguro, entretanto nem sempre é isso que ocorre, destacam as novas idéias introduzidas pela conjunção **mas**, redirecionando as descrições apresentadas.

Concluímos então que as adversativas não estabelecem apenas o valor de oposição como assevera grande parte da literatura da Gramática Tradicional. Há no emprego delas, segundo Ducrot (1981,p.179), “um jogo enunciativo que envolve não só as intenções do locutor, mas também a forma como o interlocutor coloca em funcionamento esse jogo. Há um jogo de efeito de sentidos na estrutura proposta pelo locutor e no tipo de texto escolhido.”

Neste trabalho, ampliamos o significado do valor semântico de retificação, colocado por Vogt (1989,pp.103-116): Ele diz que a retificação ocorre somente quando a estrutura do enunciado está na forma de não p mas q, ou seja, quando o **mas** funciona como MasSN e serve apenas para corrigir a proposição negativa antecedente. Dessa forma estamos incluindo na retificação não apenas a adversativa como correção, mas também quando ela é usada para mudar a orientação do tópico, marcando a seqüência do assunto e fazendo o texto progredir.

Assim, no exemplo (8), constatamos que a conjunção **mas** foi empregada diversas vezes não com o sentido de marcar oposição entre os enunciados, retificando o anterior, mas foi empregada para estabelecer uma mudança de foco do assunto.

Na dimensão semântica, observamos um maior uso do valor quebra de expectativa nos textos narrativos e concluímos que esse fato tem relação também com esse tipo de texto, já que na narração o que se quer é contar, dizer os fatos, os acontecimentos, para isso a história pode ficar mais envolvente se o locutor estabelecer uma relação de quebra de expectativa com o seu destinatário.

Observamos também que todos os valores semânticos propostos estão presentes nos textos dissertativos e isso leva a crer que o autor, ao utilizar essas conjunções adversativas com valores diferentes, as emprega para levar o leitor a estar convencido, persuadido diante de sua proposta. São escolhas feitas que indicam o caminho que o leitor pode percorrer.

Outra observação a ser feita diz respeito à conjunção **no entanto**. Nos textos dissertativos ela é empregada com o valor de quebra de

expectativa e parece sempre estabelecer uma outra direção para o tópico, isto é, além do valor semântico de quebra de expectativa ele muda a linha de abordagem proposta no tópico. Vejamos em (14):

(14) “[O trabalho de catequese era feito principalmente nos aldeamentos, chamados missões, e os padres iniciavam o trabalho com as crianças, pois os índios mais velhos eram muito resistentes à pregação (p)].

No entanto, é necessário observar o trabalho da catequese sob outro ângulo (q).”

O **no entanto**, ao quebrar a expectativa de que o trabalho da catequese seria bom nos aldeamentos, propõe uma nova direção ao tópico. Esperava-se que após essa conjunção fosse apresentado algo que contrariasse a idéia precedente, ou seja, que levasse a pensar em algum mal provocado pela catequese, entretanto o que ocorre é uma mudança de linha na abordagem do tópico, introduz-se uma nova perspectiva ao assunto: “deve-se observar a catequese sob outro ângulo”.

A pesquisa nos mostra também o valor semântico quebra de expectativa não foi empregado em nenhum texto injuntivo do corpus. Podemos afirmar novamente que isso se deve à relação entre o tipo de texto e a forma como o locutor pretende encaminhar o seu leitor. Esse dado comprova essa relação, pois nesse tipo de texto (injuntivo) o locutor necessita apenas de estratégias lingüísticas que levem o seu destinatário a fazer algo, a acatar um conselho ou a entender uma expressão de desejo e por isso ele não se utiliza da quebra de expectativa que não o ajudaria a atingir o seu objetivo.

Assim o emprego de determinada conjunção com determinado valor tem relação com o tipo de texto elaborado

2.3 Dimensão argumentativa

Guimarães (1981,p.98) diz que “o elemento lingüístico é estabelecido pelo autor de tal forma que as sentenças são articuladas para conduzirem o leitor a uma determinada leitura.” Travaglia (1991,p.180) diz que “a argumentatividade tem a ver com a relação dos recursos lingüísticos usados, com a intenção comunicativa em uma situação de interação.”

Verificamos em nosso trabalho as instruções de sentido utilizadas pelo locutor que pretende determinar o percurso de leitura do seu leitor e quais são as orientações argumentativas estabelecidas pelas conjunções em estudo. Vejamos no exemplo a seguir:

(15) “[Santos foi levada para o hospital Rocha Faria (p)], mas morreu antes de ser medicada (q).”

Na seqüência (15), estruturada como p mas q, tende-se tirar de p uma conclusão “se foi levada para o hospital seria medicada e salva”, entretanto não é isto que ocorre, pois a partir do **mas**, introduzindo a seqüência q chega-se a uma outra conclusão: “a morte de Santos antes de ser medicada”. Há então na própria seqüência um elemento que corrobora para a orientação

argumentativa que contraria o esperado. Esse elemento é a conjunção **mas**. Ao estruturar a seqüência dessa forma o locutor conduz a leitura do leitor. Se a frase fosse construída com a conjunção embora: “Embora Santos tivesse sido levada para o hospital (p), ela morrerá antes de ser medicada (q).” estaríamos considerando o que foi dito em p e não em q, e essa seqüência (p) já apresenta ao leitor, desde o seu início, a conclusão que será tirada em seguida, não havendo quebra de expectativa como no exemplo (21).

Guimarães (1981:98) faz as seguintes considerações: 1º) para a estrutura A, mas B à A é argumento a favor de r e B é argumento de favor de ~r, então A, mas B é argumento a favor de ~r. 2º) para a estrutura Embora B, A à A é argumento a favor de r e B é argumento a favor de ~r, Embora B, A é argumento a favor de r.

Para esse autor, esses elementos como **mas** e **embora** existem na língua, são chamados de operadores argumentativos de discurso e a significação deles é a estruturação de um conjunto de frases enquanto discurso. Assim em (15) o autor para provocar um determinado efeito de sentido, no caso identificando uma entidade em p e quebrando-a em seguida em q, estrutura o seu enunciado na seqüência p, mas q, orientando, dessa forma, argumentativamente, o seu leitor.

(16) “[O turismo oficial conduz ao City Hall, à famosa Opera House (p)]. Os turistas menos ortodoxos, porém, têm outras opções: o bairro gay em torno da Castro Street, o bairro punk, centrado na região mais interna do Vallejo Street(q).”

A conjunção **porém** nesse exemplo (16) estabelece um contraste com a seqüência anterior, comparando os turistas oficiais com os menos ortodoxos, e aponta para o seu destinatário que há outras possibilidades de passeios além das oficiais; o que pode representar mais opções e até mudanças nos roteiros oficiais impostos. Há também nesse exemplo, uma posição enfática do sujeito “os turistas menos ortodoxos”, colocado antes da conjunção **porém**. Mais uma vez o autor estrutura a sua frase, estabelecendo como esses elementos (sujeito e conjunção) devem ser considerados na leitura. Percebemos uma escolha de posições e sentidos que interagem e orientam argumentativamente a leitura que o autor pretende que o leitor faça.

Todos esses mecanismos argumentativos empregados refletem a importância das imagens que o locutor faz a propósito das convicções de seu interlocutor diante do que se trata, como afirma Geraldí (1981,p.66). Em todo o corpus confirmamos que as escolhas lexicais, os arranjos propostos, as relações estabelecidas são organizados tendo em vista um determinado leitor que estará em contato com um determinado tipo de texto. São, então, as imagens que o locutor tem do seu destinatário que determinarão todo jogo enunciativo proposto no discurso.

Ducrot (1981,pp.178-179), ao asseverar que “a argumentatividade está inscrita na língua e que a argumentação constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso”, afirma também que as conjunções são

responsáveis pela organização e conseqüentemente pelo caminho argumentativo do texto. Dessa forma, achamos que todo enunciado com a presença da adversativa **mas**, e também das outras adversativas em estudo é marcado pelo poder argumentativo. Vejamos o exemplo a seguir:(17) “[O queijo, claro, não dispensa a escova de dentes (p)], mas é uma boa arma para manter sua saúde (q).”

Temos em (17) a estrutura não p, mas q, com o **mas** funcionando como MasSN, que, segundo Vogt(1989,pp103-116), seria apenas retificador sem o poder argumentativo. Achamos, entretanto, que o autor, ao introduzir a seqüência q com o **mas**, lança mão de uma retificação que impõe uma desigualdade com a primeira proposição e que cria também condições, como afirma Neves (1984,pp.21-24), para a adesão à segunda afirmação, que está inclusive em uma posição mais elevada, levando o destinatário “a comer queijo, já que é uma boa arma para manter a saúde”. Há assim uma relação argumentativa que encaminha o leitor ao convencimento da proposta e que ainda contribui para a progressão do discurso.

Encontramos em nosso corpus outras conjunções que participam dessa estrutura não p conjunção adversativa q e que podem ser permutadas entre si, como observamos na seqüência (18): “[Não tem o mesmo charme de Chinatown (p)], mas é excelente para as compras...(q)”

(18a) [Não tem o mesmo charme de Chinatown (p)], entretanto/ porém/ contudo/ todavia/ no entanto é excelente para as compras...(q)

Nessa primeira análise, parece-nos que as conjunções adversativas podem ser permutadas sem alterações significativas, já que todas são marcadas por uma força argumentativa semelhante, embora algumas sejam mais especializadas em certas nuances como o redirecionamento do tópico.

2.4 Dimensão informacional

Koch (2000,pp.23-24) diz que na estrutura das frases, há informações que se distribuem em dois blocos: o “dado” e o “novo”. A informação dada estabelece pontos de ancoragem para a informação nova, que é responsável pela progressão textual, como veremos em (19) “[Uma funcionária do hotel, em depoimento no 81º DP (Belenzinho), confirmou que o PM entrou no hotel para atender uma suposta tentativa de assalto (p)].

No entanto ela disse que Alves já entrou no hotel atirando (q).” Em (19), observamos que a proposição p apresenta uma informação que já é conhecida do leitor, o que é indicado inclusive pelo uso de confirmar, e é retomada em q, a partir da adversativa **no entanto**, com uma orientação argumentativa diferente. Em p temos a informação de que “o PM entrou no hotel para atender uma chamada” (o esperado é que irá resolver de forma adequada a situação), em q a orientação muda, o texto avança com uma nova informação, diferente da aguardada “O PM Alves entrou atirando”, o que não é uma conduta correta, diante de “uma suposta tentativa de assalto.”

Assim observamos que em todas as 218 ocorrências a presença da conjunção adversativa traz uma nova informação e o comentário contido na proposição que contém a adversativa colabora realmente para dar continuidade ao texto. O já-dito é resignificado por uma orientação diferente, permitindo o avanço para o enunciado seguinte e conseqüentemente possibilitando a progressão textual. Assim (q) introduzida pela adversativa é sempre informação nova.

2.5 Dimensão pragmática

Koch (1984,pp.88-89) diz que “no uso da linguagem os componentes sintático, semântico e pragmático se encontram integrados.”

Van Dijk (1981,pp.166-266) observa que “a distinção precisa entre relações de conexão no nível semântico e pragmático parece sutil, mas que há um emprego diferenciado entre esses dois níveis. Esse autor diz que os conectivos pragmáticos são freqüentemente iniciais em sentenças, seguidos por uma pausa e expressos com entonação específica, na linguagem falada. A função deles, que no nosso estudo corresponde às conjunções adversativas, é caracterizada pela idéia de continuação entre atos de fala, ou entre movimentos em turnos de conversação. Eles podem funcionar como uma não aceitação de um ato de fala precedente ou como ênfase e restrição à fala anterior ou até suspendendo um ato de fala e provocando a reação do interlocutor.”

Em nosso trabalho, específico da linguagem escrita, observamos que, de acordo com essa teoria pragmática (Van Dijk,1981), somente as conjunções adversativas com o valor semântico de retificação e especificamente aquelas que são responsáveis pela mudança de direção do tópico da seqüência anterior, funcionam como conjunções pragmáticas.

Os dados da pesquisa mostram que a retificação, empregada como mudança de tópico, em que a adversativa é considerada como uma conjunção usada também na dimensão pragmática, aparece somente nos textos narrativos e nos descritivos, como vemos no exemplo (20): “[A roupa lavada, que ficava de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um fartum acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquecidas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas (p)]. Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono, ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas...(q)”

Verificamos em (20) que o autor em (p) descreve o ambiente exterior do local, já em (q), a partir do **entretanto**, muda a orientação descrevendo as ações que se sucediam naquele mesmo local. O **entretanto** não só estabelece diferença entre (p) e (q), mas sobretudo dá um novo enfoque à seqüência contribuindo para a progressão do texto. Observamos então que

a função pragmática da conjunção é a de dar uma outra orientação para o enunciado que se segue. Notamos também que há ao mesmo tempo nesta conjunção aspectos semânticos envolvidos, já que ela estabelece uma diferença, uma desigualdade entre os dois planos descritos: o primeiro; características externas do local, o segundo; ações ocorridas nesse local. Concordamos, assim, com Koch (1984) que admite uma integração entre os planos semântico e pragmático.

(21) “[Na boiada já fui boi, boiadeiro já fui rei, não por mim nem por ninguém que junto comigo houvesse, que quisesse ou que pudesse por qualquer coisa de seu querer mais longe que eu (p)]. Mas o mundo foi rodando nas patas do meu cavalo e já que um dia montei agora sou cavaleiro, laço firme, braço forte de um reino que não tem rei. (q)”

Em p, no exemplo (21), temos uma seqüência em que o autor diz o que já foi e o porquê. Já em q ele interrompe a narração e a partir do **mas** ele dá seqüência ao texto, mas em uma outra perspectiva, narrando outros fatos. Notamos que o **mas** além da função pragmática de interromper o texto dando outra orientação também possui implicações semânticas, na medida em que se coloca como um elemento que diferencia uma seqüência de outra.

Observamos assim que há novamente uma relação entre o tipo de texto e o efeito de sentido pretendido pelo autor. Nos textos descritivos muda-se o tópico da seqüência anterior, buscando apresentar novos aspectos descritos no enunciado subsequente, introduzido pela conjunção adversativa. O mesmo fato se dá com os textos narrativos cuja narração é interrompida com uma mudança de orientação do que se estava narrando anteriormente e a partir da conjunção há uma nova seqüência para a narrativa, com alteração do foco, apresentando fatos diferentes. Há então uma mudança no plano sensorial e no plano do relato. Como mostraram os resultados, o emprego da adversativa na dimensão pragmática ocorreu em proporção maior com os textos narrativos e esse fato comprova a relação do emprego da conjunção e o tipo de texto, pois como já foi colocado, o que se quer na narração é apresentar fatos, acontecimentos e esses podem ser apresentados, utilizando-se dessa estratégia: caminha-se com o relato e de repente muda-se o enfoque, causando mais suspense, deixando a história mais envolvente. Já para os textos dissertativos e injuntivos essa estratégia não ocorre, pelo menos, não foi empregada no corpus dessa investigação, revelando que o emprego da dimensão pragmática em textos escritos não é um recurso utilizado para o autor que quer levar o seu interlocutor à reflexão ou incitá-lo a fazer algo.

Outro dado é que as conjunções adversativas na dimensão pragmática estão sempre em posição inicial de um enunciado. Esse fato concorda com o que Van Dijk (1981) defende, afirmando que os conectivos pragmáticos são freqüentemente iniciais em sentenças, seguidos por uma pausa e expressos, na linguagem falada, com entonação específica.

3. CONCLUSÕES

A partir da abordagem teórica da Lingüística Textual e da Semântica, chegamos a algumas conclusões que acreditamos poderão ter conseqüências significativas para o aprofundamento dos estudos descritivos a respeito das conjunções adversativas. Diríamos que também para o ensino/aprendizagem dessas conjunções. É preciso examinar as ocorrências da língua com um olhar interativo, múltiplo, observando nelas as relações, funções, valores, propósitos em diferentes dimensões e tipos de texto, já que não há ensino da língua separado do estudo de texto. Entretanto essas implicações pedagógicas exigem, na verdade, uma outra reflexão que não será aqui desenvolvida.

Concluimos, então, que: 1) as conjunções apresentam relações sintáticas diferenciadas conforme o tipo de texto. Observamos que o **mas** não possui a mesma mobilidade de posição na seqüência que estabelece a adversidade, em relação às outras conjunções, isto é, o **mas** é empregado apenas no início da oração adversativa enquanto que o **porém**, **contudo**, **todavia**, **entretanto** e **no entanto** posicionam-se tanto no início da adversativa, quanto após o sujeito, o verbo, a conjunção, a circunstância e a oração. Essas posições evidenciam que a colocação das palavras na frase projeta um efeito de sentido, enfatizando significativamente aquele elemento colocado antes da conjunção e além disso provocando uma demora no estabelecimento da adversidade. Usando esses mecanismos o autor pretende determinar o percurso da leitura do leitor e os seus possíveis efeitos de sentido; 2) as conjunções adversativas têm valores semânticos diferentes e em nosso corpus eles foram estabelecidos como negação, retificação, contraste e quebra de expectativa. Esses valores são usados de acordo com o tipo de texto: a negação tem, por exemplo, um baixo uso nos textos descritivos, já nos textos narrativos e dissertativos o valor semântico mais empregado é a quebra de expectativa. Acreditamos que esses resultados têm relação com a forma de interação que cada texto pretende estabelecer. De forma diferente ocorre com os textos injuntivos, que procurando incitar o interlocutor a realizar algo não necessita estabelecer nessa relação a quebra de expectativa, e concentra-se na negação e no contraste; 3) as conjunções adversativas funcionam como operadores argumentativos que colaboram com a progressão do texto, apontando a seqüência para uma outra direção e expandindo a afirmação anterior. Elas não podem ser consideradas como meros elementos relacionais responsáveis pela oposição entre segmentos. Essas conjunções são responsáveis pelos efeitos de sentidos que o autor se propõe a estabelecer com o seu interlocutor; 4) todas as conjunções trazem uma nova e diferente informação à seqüência anterior. O dito é re-significado em uma outra direção, permitindo sempre o avanço e a progressão do texto; 5) no plano pragmático, há uma relação entre o valor semântico estabelecido e o seu emprego pragmático, pois a conjunção é empregada, dando uma

outra orientação à seqüência anterior, marcando assim diferenças entre enunciados. Esse uso acontece apenas em textos narrativos e descritivos. Acreditamos que esse fato ocorre porque nos descritivos há uma mudança de orientação sobretudo nos planos sensoriais e, nos narrativos, uma mudança no plano do relato; 6) outra conclusão que a pesquisa aponta é para o largo uso da conjunção adversativa **mas**. Ela é a mais empregada e com uma diferença significativa. Entre as 218 ocorrências o **mas** ocorreu 171 vezes. Acreditamos que isso se dá porque essa conjunção, mesmo sendo usada apenas no início da adversativa, relaciona-se com todas as estruturas que precedem a seqüência adversativa. Outro fato que justifica o largo uso do **mas** é o seu emprego em todos os tipos de texto e em quase todos os valores semânticos instituídos, não aparecendo somente na quebra de expectativa em textos injuntivos; 7) não podemos considerar essas conjunções como equivalentes. O **mas** se concentra na face da seqüência adversativa o que não ocorre com as outras conjunções, que localizam-se em posições diferentes na frase; 8) as conjunções em estudo, mesmo com valores diferentes, estabelecem sempre uma desigualdade entre a seqüência adversativa e a precedente; 9) as adversativas, ao estabelecerem uma outra conclusão ao acordo inicial proposto, fortalecem essa conclusão imprimindo maior força argumentativa a ela e conseqüentemente tentando convencer o interlocutor a aderir a sua nova proposta; 10) as imagens que o autor tem do seu interlocutor também determinam as escolhas dos argumentos, a sua hierarquização e os efeitos de sentidos pretendidos; 11) a noção do MasSN, de Vogt e Ducrot, como retificador, sem poder argumentativo foi ampliada, apontando para outros sentidos que a conjunção pode imprimir à frase, como mudando a abordagem anteriormente proposta, possibilitando o progresso do texto e marcando a argumentação.

Finalmente, a pesquisa mostra que há uma relação intrínseca entre a escolha da conjunção, as dimensões empregadas e o tipo de texto.

Esperamos, com esse estudo, ter contribuído para o desenvolvimento do estudo lingüístico textual discursivo das conjunções adversativas, apontando para a ligação que há entre o emprego delas e o tipo de texto. Outras pesquisas poderão surgir, com a ampliação das conjunções indicativas de contrajunção e também com a ampliação do corpus.

4. BIBLIOGRAFIA

ARRAIS, T. C.. Apontamentos para o estudo da estrutura da frase. **Alfa**, São Paulo: UNESP, nº 32, p. 25-46, 1988

BRAGA, M. L., SILVA, G. M.. " Novas considerações a respeito de um velho tópico: A taxonomia Novo/Velho." In GUIMARÃES, E. R. J.(org.) **Lingüística: questões e controvérsias**. Uberaba: Curso de Letras/ Faculdades Integradas de Uberaba, p. 27-40, 1984.

COSTA, G. R. C.. **Da Adversidade à Concessão: Análise da discursividade argumentativa presidencial**. São Paulo,2000. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

DUCROT, O. **Princípios de Semântica Lingüística (Dizer e não dizer)**. São Paulo: Cultrix, 1972.

DUCROT, O. **Provar e dizer: leis lógicas e argumentativas**. São Paulo: Global, 1981.

DUCROT, O.. **O dizer e o dito**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

FÁVERO, L. L., KOCH, I. G. V. **Lingüística Textual: Introdução**. São Paulo: Cortez,1994.

GERALDI, J. W. Tópico Comentário e Orientação Discursiva. In **Sobre a Estruturação do Discurso**.Campinas, I E L/ Unicamp.1981, p.63-90.

GUIMARÃES, E. R. J. Estratégias de Relação e Estruturação do texto. In **Sobre a Estruturação do Discurso**. Campinas: I E L/ Unicamp, 1981,p.91-113.

GUIMARÃES, E. R. J. **Texto e Argumentação: um estudo de conjunções em Português**.Campinas: Pontes, 1981.

GUIMARÃES, E. R. J. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas: Pontes,1995.

ILARI, R., GERALDI, J. W._**Semântica**. São Paulo: Ática,1995.

KOCH, I. V.. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez , 1984.

KOCH, I. V.. Dificuldades na Leitura/Produção de texto: os conectores interfrásticos. In **Lingüística Aplicada ao ensino do Português**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992 a, p.83-98.

KOCH, I. V. **InterAção pela linguagem**. São Paulo:Contexto, 1992 b.

KOCH, I. V. **O texto e a construção de sentidos**. São Paulo: Contexto, 2000.

KOCH, I. V., TRAVAGLIA, L. C.. **Texto e Coerência**. São Paulo: Cortez,1997.

NEVES, M. H. M.. O Coordenador Interfrasal Mas – Invariância e Variantes. **Alfa**, nº. 28. São Paulo: UNESP, 1984, p.21-42, 1984.

NEVES, M. H. M. O estatuto das chamadas conjunções coordenativas no sistema do Português. **Alfa**, nº 29, São Paulo: UNESP, 1985,p.59-65, 1985.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu Funcionamento. As formas do discurso.** Campinas: Pontes, 1987.

RUDOLPH, E.. The Role of Conjunctions and Particles for Text Connexity. In CONTE, PETOFI E SOZER (eds.) **Text and Discourse connectedness**, 1987, p.175-190, 1989.

TRAVAGLIA, L. C. **Um estudo textual discursivo do verbo em português.** Campinas, - IEL/UNICAMP. Tese (Doutorado em Lingüística) 1991.

TRAVAGLIA, L. C.. **Gramática e Interação. Uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** São Paulo: Cortez, 1997.

VAN DIJK , T. A. **Studies in the pragmatics of discourse.** Berlin/New York: Mouton,. 1981.

VOGT, C. **O Intervalo Semântico.** São Paulo: Ática.1997.

VOGT, C.. **Linguagem pragmática e ideologia.** São Paulo: Hucitec,1989.

ANEXO I

- 1) ...como lidar com pessoas que você não suporta (mas com quem é obrigado a conviver); Fonte: Revista Você SA. Editora Abril, fevereiro de 2000.
- 2) Manual; Fonte: Manual básico de segurança de trânsito: normas de circulação, 1998.
- 3) Sonegam até a sonegadores; Fonte: Folha de São Paulo. Editorial, 23 de maio de 1999.
- 4) Caça à gangue da batida prende mais três (da Reportagem Local); Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Cotidiano,19 de dezembro de 1997.
- 5) A máquina extraviada (José J. Veiga)
- 6) Dicas para preparar um currículo escaneável;Fonte: Folha de São Paulo. 6º Caderno, 11 de outubro de 1998.
- 7) Disparada (Theo Barros e Geraldo Vandré),Fonte: Músicas Inesquecíveis da MPB. CD, Polygram do Brasil LTDA.
- 8) Se eu fosse pintor... (Cecília Meireles); Fonte: Ilusões do mundo. Editora Nova Aguilar, 1976.
- 9) ...como lidar com pessoas que você não suporta (mas com quem é obrigado a conviver); Fonte: Revista Você SA. Editora Abril, fevereiro de 2000.

- 10) Prudência Financeira; Fonte: Folha de São Paulo. Editorial. 1º de dezembro de 1997.
- 11) Sem título (enviado especial à Galícia); Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Turismo, 26 de junho de 2000.
- 12) Lição sobre o futuro (José Castello); Fonte: Tese de doutorado: Professor Luiz Carlos Travaglia. Unicamp, 1991.
- 13) Santiago tenta recuperar o seu colorido (do enviado especial ao Chile); Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Turismo, 17 de julho de 2000.
- 14) Festival de Campos requer pontualidade (Guilherme Cuchirato); Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Turismo, 17 de julho de 2000.
- 15) A igreja e o ensino. A catequese jesuítica. (A. Marques); Fonte: História, os caminhos do homem. Editora Lê, 1994.
- 16) Duas pessoas são assassinadas em tentativa de assalto no Rio (da Sucursal do Rio); Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Cotidiano, 7 de junho de 2000.
- 17) Lição sobre o futuro (José Castello); Fonte: Tese de doutorado: Professor Luiz Carlos Travaglia. Unicamp, 1991.
- 18) Quem ajuda a combater cárie; Fonte: Superinteressante. Editora Abril, setembro de 1991.
- 19) Lição sobre o futuro (José Castello); Fonte: Tese de doutorado: Professor Luiz Carlos Travaglia. Unicamp, 1991.
- 20) Policia Militar mata gerente de hotel por engano em São Paulo (Leonardo Fulvimann); Fonte: Folha de São Paulo. Caderno Cotidiano, 7 de junho de 2000.
- 21) O Cortiço (Aluísio Azevedo); Fonte: Língua, Literatura e Redação. José de Nicola. Editora Scipione, V. 2, 1993.
- 22) Disparada (Theo Barros e Geraldo Vandré); Fonte: Músicas Inesquecíveis da MPB. CD, Polygram do Brasil LTDA.